



Imagem gerada por IA (Midjourney) a partir dos termos: Collage art, deleuzian philosophy, difference, multiplicity, singularity, simplest

POR UM MODO DE PESQUISA SUBVERSIVO E INSURGENTE: FRAGMENTO DE UMA EXPERIÊNCIA CARTOGRÁFICA

Daniele de Andrade Ferrazza  [0000-0003-0912-9559](#)
Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil

Mateus Alexandre Pratas Rezende  [0000-0001-5164-0225](#)
Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil

Resumo

Na década de 1980 foi lançado o livro "Mil Platôs: esquizofrenia e capitalismo 2", de autoria de Félix Guattari e Gilles Deleuze, trazendo contornos de um campo de saber diverso, preocupados com novas formas de pensar a multiplicidade da vida e os processos de subjetivação, tecendo críticas e inaugurando instrumentos que repercutem até os dias atuais no pensamento contemporâneo. Dentre as inquietações provocadas, a cartografia tem sido operacionalizada enquanto estratégia metodológica na produção de um saber rizomático. O presente artigo acompanha o fragmento de uma trajetória de pesquisa cartográfica que se realiza no âmbito de um equipamento de saúde pública e tem como objetivo coletivizar a experiência do pesquisar, buscando disparar novos encontros e defender um modo de pesquisa subversivo e insurgente.

Palavras-chave

Produção de conhecimento, cartografia, rizoma, "Mil Platôs".

FOR A SUBVERSIVE AND INSURGENT MODE OF RESEARCH: FRAGMENT OF A CARTOGRAPHIC EXPERIENCE

Abstract

In the 1980s, the book "A Thousand Plateaus: Schizophrenia and Capitalism 2" was published by Félix Guattari and Gilles Deleuze, outlining a multiple field of knowledge, concerned with new ways of thinking about the multiplicity of life and the processes of subjectivation, weaving criticisms and inaugurating instruments that still have repercussions in contemporary thought today. Among the concerns provoked, cartography has been operationalized as a methodological strategy in the production of rhizomatic knowledge. This article follows a fragment of a cartographic research trajectory carried out in a public health facility and aims to collectivize the experience of research, seeking to trigger new encounters and defend a subversive and insurgent mode of research.

Keywords

Knowledge production, Cartography, Rhizome, "A Thousand Plateaus".

Submetido em: 21/03/2024
Aceito em: 01/05/2024

Como citar: FERRAZZA, Daniele de Andrade; REZENDE, Mateus Alexandre Pratas. Por um modo de pesquisa subversivo e insurgente: fragmento de uma experiência cartográfica. *(des)troços: revista de pensamento radical*. Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. e51720, jan./jun. 2024.



Este trabalho está licenciado sob uma licença *Creative Commons Attribution 4.0*.

Introdução

São passados quase 50 anos da publicação da obra os "Mil Platôs", de Gilles Deleuze e Félix Guattari que, juntamente com a obra "O Anti-Édipo", lançaram algumas bases discursivas que buscavam produzir novas formas do pensar e, conseqüentemente, da produção de conhecimento. Logo na introdução do primeiro volume dos "Mil Platôs", os autores diferenciam algumas formas do pensamento a partir de tipos de livros e, para nos apresentar esse outro paradigma, eles contrabandeiam um conceito da botânica, o Rizoma. Dentre os seis princípios do Rizoma (conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia e decalcomania), o princípio da cartografia serviu de inspiração para muitos pesquisadores se lançarem na produção de conhecimento evocando a processualidade do pesquisar, bem como, no questionamento, sobremaneira, a ilusão da neutralidade científica. É percebido que, na contemporaneidade, a cartografia tem sido cada vez mais acionada e operacionalizada enquanto um método de pesquisa, produzindo efeito em diferentes áreas, e originando as mais diferentes e múltiplas formas do pensar, se norteadas por um *ethos*, no seio de um paradigma ético-estético-político.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é contribuir com a perspectiva de pesquisar-pensar cartográfico, bem como defendê-la enquanto um caminho na produção de um novo paradigma científico, destacando, para tanto, algumas linhas de enunciação, visibilidade, forças e subjetivação de uma experiência cartográfica ocorrida em um equipamento da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) em uma cidade do Paraná. O presente manuscrito busca acompanhar um fragmento da Dissertação de Mestrado "Uma experiência cartográfica em um equipamento CAPS AD: a atenção à saúde da pessoa usuária de substâncias psicoativas"¹, para a qual tivemos a oportunidade de habitar os circuitos e afetos que perpassam o trabalho em um equipamento de saúde mental e buscamos cartografar, por um lado, as forças em jogo no processo de Reforma Psiquiátrica brasileira em curso, e, por outro lado, as linhas que compõem a atenção à saúde da pessoa que faz uso de substâncias psicoativas. Nesse contexto, o projeto foi submetido e avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa de uma Universidade Pública do Norte do Paraná (CAAE: 53361421.6.0000.0104).

Assim, com o intuito de coletivizar a experiência do cartógrafo, partindo das trajetórias percorridas e das histórias narradas, pretende-se tecer algumas considerações metodológicas que possam disparar encontros inspiradores para aqueles que busquem recorrer à cartografia enquanto método de pesquisa-intervenção. Ressalta-se que nossa atenção se volta mais ao processo de pesquisar em cartografia, sendo assim, o presente manuscrito não pretende apresentar narrativas, discussões e reflexões do trabalho na íntegra.

A composição do presente artigo seguirá o caminho dos movimentos, que distinguimos em quatro momentos. Em um primeiro momento, buscamos cartografar o movimento de aproximação – o 'aproximar-se' da prática do pesquisar. Para tanto, realizamos duas aproximações: por um lado, ao adentrarmos a temática na qual nos inserimos e, por outro, com o pensamento que embasa determinada teoria ou método. Dessa forma, o primeiro momento do texto versa sobre as aproximações com o pensamento de Deleuze e Guattari, sobretudo no que tange ao Rizoma e à cartografia.

¹ Rezende, *Uma experiência cartográfica em um equipamento CAPS AD*.

Nesse momento, inspirado por Eduardo Galeano, situamos algumas distinções importantes entre um modo de pesquisa arborescente e outro rizomático.

O segundo momento acompanha o processo de pesquisar. Inspirando-se na canção de Paulinho da Viola, esse movimento acompanha a inserção do cartógrafo em um território existencial e os confrontos com “o cognitivista que habita em nós”. Não tendo metas, objetivos e ferramentas pré-estabelecidas, esse movimento é correlato não só da inserção mas da escolha dos instrumentos de pesquisa a partir dos encontros e andanças que as vivências em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD) puderam disparar.

A cartografia, enquanto método de pesquisa, é acompanhada de uma certa política de narratividade. Diante disso, nosso terceiro momento é sobre o movimento de narrar, que destaca as diferentes políticas de narratividade que estão em jogo no processo de pesquisar, bem como as dificuldades e potencialidades de uma literatura menor. Nesse sentido, nos inspiramos na estrofe de um rap do Thiago Elniño: “Nem todo livro, irmão, foi feito pra livrar. Depende da história contada e também de quem vai contar”.²

O último movimento, entendido como o fim do pesquisar, vem atrelado a uma ideia de algo acabado, em que já se produziu uma síntese. Nesse sentido, quanto menos pontas soltas, melhor o trabalho. Todavia, nossa ideia foi uma subversão desse movimento, a partir da qual ao invés de encerrar, acabar, nós buscamos *soltar*. Dessa forma, buscamos “soltar as pontas”, deixá-las disponíveis para que tenham a possibilidade de disparar outros encontros e se conectar com outras vozes, na direção de proliferar as inúmeras vozes que compõem tal texto.

1. O aproximar-se: ensinamentos do velho poeta às margens do rio San Juan

O processo de se produzir uma pesquisa se inicia num movimento de aproximação. Todavia, esse suposto início acontece entre diferentes fluxos em curso, produz-se em uma região “entre”, em um *intermezzo*. Ao pesquisar, nos aproximamos, ao menos, em duas direções: é uma aproximação que ocorre entre um certo conjunto de discursos e práticas relacionados a um tema e a uma certa forma de pesquisar; grosso modo, nos aproximamos de um método e de um tema. Sendo assim, a produção de um estudo-intervenção “compreende a delimitação de um tema de pesquisa e a construção de uma estratégia metodológica que envolvem a produção de um contexto de experiência específico”.³

A escolha de um tema, os caminhos metodológicos, as ferramentas de intervenção e as formas de registro fazem parte de um *ethos* que implica tomadas de posições fundamentalmente políticas e que, por sua vez, não se inicia propriamente com as primeiras idas ao CAPS AD, tampouco nas primeiras aulas em um Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Antes, fazem parte de toda uma rede de relações.

Quando vamos ao que comumente é chamado “campo da pesquisa” não estamos, de fato, começando ali uma pesquisa. No momento em que vamos a um “campo”, nós já

² Elniño, *Pedagogia*.

³ Kroef; Gavillon; Ramm. *Diário de campo e a relação do(a) pesquisador(a) com o campo-tema na pesquisa-intervenção*, p. 468.

estamos nele na medida em que estamos no “tema”. Essa ida é uma tentativa de “nos localizar psicossocialmente e territorialmente mais perto das partes e lugares mais densos das múltiplas interseções e interfaces críticas do campo-tema onde as práticas discursivas se confrontam e, ao se confrontar, se tornam mais reconhecíveis”.⁴

Portanto, uma das direções do movimento de “aproximar-se” está relacionada ao tema. Ao adentrarmos no CAPS AD, já estamos percorrendo as linhas de uma temática mais ampla que envolve “drogas” e “saúde”. Em nosso caso, buscamos pensar alguns marcadores dessa aproximação a partir dos encontros que teceram um caminho até então. Passando a alguns dos encontros que se abraçam nesta escrita, talvez o menos provável seja um destaque importante, pois escrevo também como militante – ou, como algumas pessoas preferem dizer, ativista – canábico. No período que compreende o final do ano de 2017 ao ano de 2019, por meio de um coletivo antiproibicionista, organizamos duas manifestações da Marcha da Maconha em uma cidade do interior do estado do Paraná, as primeiras da cidade (uma cidade demasiadamente conservadora, diga-se de passagem). Paralelamente às movimentações militantes, ingressei no Programa de Iniciação Científica da Universidade, pesquisando sobre a descriminalização da maconha. Conforme passeava por escritos de Franca e Franco Basaglia, Michel Foucault, Paulo Amarante, Maria Clementina Cunha, Antônio Lancetti, Henrique Carneiro, Eduardo Vargas, Altieres Frei e tantos outros, buscava posicionar questões acerca dos pontos que aproximam o Movimento da Luta Antimanicomial e o Movimento Antiproibicionista.

Nessa perspectiva, por um lado, estabelece-se uma aproximação aos temas “drogas” e “saúde” e, por outro, um movimento de se aproximar da obra de Deleuze e Guattari, sobretudo com relação à cartografia. O aproximar-se da pesquisa cartográfica também virá marcado por um encontro com Eduardo Galeano, que nos diz:

Eu já estava há um bom tempo escrevendo Memória do Fogo, e quanto mais escrevia mais fundo ia nas histórias que contava. Começava a ser cada vez mais difícil distinguir o passado do presente: o que tinha sido, estava sendo, e estava sendo a minha volta, e escrever era minha maneira de bater e abraçar. Supõe-se, porém, que os livros de história não são subjetivos. Comentei tudo isso com José Coronel Urtecho: neste livro que estou escrevendo. Pelo avesso e pelo direito, na luz ou na contraluz, olhando do jeito que for, surgem à primeira vista minhas raivas e meus amores. E nas margens do rio San Juan, o velho poeta me disse que não se deve dar a menor importância aos fanáticos da objetividade. – Não se preocupe – me disse. – É assim que deve ser. Os que fazem da objetividade uma religião, mentem. Eles não querem ser objetivos, mentira: querem ser objetos, para salvar-se da dor humana.⁵

O ensinamento do velho poeta coloca em jogo a distinção entre objetividade e subjetividade em um trabalho científico. Supõe-se que a pesquisa não é subjetiva e o personagem conceitual dos fanáticos da objetividade são correlatos a um determinado paradigma de produção de conhecimento, e é no combate a esta forma hegemônica e unificadora que o Rizoma espalha suas hastes.

A partir da “Introdução: Rizoma”, da obra “Mil Platôs”, Félix Guattari e Gilles Deleuze apresentam diferentes tipos de livros, ou, até mesmo, diferentes formas do pensar e do conhecer. É nesse contexto que os autores atravessam a fronteira quase que clandestinamente e contrabandeiam o Rizoma da área da Botânica. O primeiro a nos ser

⁴ Spink, *Pesquisa de campo em psicologia social*, p. 36.

⁵ Galeano, *O livro dos abraços*, p. 118.

apresentado é o livro *raiz/pensamento arborescente*, que trata da forma mais clássica do pensamento ocidental, "o livro imita o mundo, como a arte a natureza".⁶ Esse pensamento opera por binarismos: o mundo e o livro (representação do mundo), a razão e a emoção, o sujeito e o objeto, mente e corpo, homem ou mulher. É um pensamento que pressupõe ordem e hierarquia.

A segunda figura do livro, denominada como *sistema-radícula* ou *raiz fasciculada*, representa um pensamento do qual "a modernidade se vale de bom grado" e no qual a "raiz principal abortou", mas não se "rompe verdadeiramente com o dualismo, com a complementaridade de um sujeito de um objeto, de uma realidade natural e uma realidade espiritual [...]. O mundo deveio Caos, mas o livro continua sendo a imagem do mundo".⁷

Contudo, para essa perspectiva, é necessário que se faça múltiplo, para que se produzam as rupturas com as dicotomias sujeito-objeto, mundo-representação, subjetividade-objetividade. O livro deve, então, não representar o mundo, mas fazer rizoma com o mundo, compor com ele: "escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir".⁸

A partir disso, os autores nos apresentam ao Rizoma, uma realização da multiplicidade que não representa nem significa, mas produz: uma produção contínua de novos arranjos. E para nos convocar a reflexões de que esse modelo poderia romper com o pensamento binário, os autores nos apresentam seis princípios do rizoma, a saber: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia e decalcomania.

Deleuze e Guattari propõem que o rizoma é composto por elementos heterogêneos, linhas distintas, que estão se conectando sem parar – "cada ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro, e deve sê-lo".⁹ Não tendo, pois, uma raiz central, o rizoma se espalha por diversas direções, cresce como as ervas, no entre – *intermezzo*. Nesse contexto, os autores demonstram o terceiro princípio do rizoma, de multiplicidade, afirmando a inexistência de uma unidade central ou uma dimensão suplementar, se afastando das clássicas separações sujeito-objeto, objetivo-subjetivo, representação-mundo, entendendo o rizoma enquanto realização da multiplicidade. Das linhas que compõem com o rizoma, distinguem-se três tipos: têm-se as linhas mais duras, chamadas linhas de segmentaridade, que organizam, estratificam, significam, territorializam etc., e compreendem-se também linhas flexíveis e linhas de fuga. Essas linhas podem dar umas nas outras, a explosão das linhas segmentares em linhas de fuga provoca rupturas no rizoma, sendo a linha de fuga também uma composição deste. Assim, o princípio de ruptura a-significante propõe que o rizoma pode ser rompido, quebrado ou retomado de qualquer lugar.¹⁰

Os últimos princípios apresentados dizem respeito aos princípios de cartografia e decalcomania, a partir dos quais se distinguem mapa e decalque. Nesse contexto, a cartografia é apresentada como um dos princípios do rizoma, um processo de produção dos mapas que se distingue da produção de decalques, que, em síntese, se trata da produção de um modelo que poderia ser usado e reproduzido infinitamente, isto é, um

⁶ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs vol. 1*, p. 19.

⁷ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs vol. 1*, pp. 20-21.

⁸ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs vol. 1*, p. 19.

⁹ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs vol. 1*, p. 22.

¹⁰ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs vol. 1*.

saber que tem como procedimento decalcar no múltiplo estruturas ou eixos já prontos. Nesse sentido, segundo Deleuze e Guattari:

[...] do eixo genético ou da estrutura profunda, dizemos que eles são antes de tudo princípios de decalque, reproduzíveis ao infinito. Toda lógica da árvore é uma lógica de decalque e reprodução. Tanto na Linguística quanto na Psicanálise, ela tem como objeto um inconsciente ele mesmo representante, cristalizado em complexos codificados, repartidos sobre um eixo genético ou distribuído numa estrutura sintagmática [...] ela consiste em decalcar algo que se dá já feito, a partir de uma estrutura que sobrecodifica ou de um eixo que suporta. A árvore articula e hierarquiza os decalques.¹¹

Todavia, há um alerta: não se deve cair novamente em um dualismo simplista "mapa *versus* decalque", o bom e o ruim, o certo e o errado. Na verdade, os autores se preocupam em mostrar como que mapa e decalque se articulam, e como que o rizoma não exclui árvores e raízes pivotantes – elas se compõem, tendo em vista que os rizomas podem germinar em árvores e vice-versa.

A partir dos tipos de livro e dos princípios do Rizoma, somos convocados, então, a fazer o múltiplo, a acompanhar processos. Deleuze e Guattari nos dizem que somos atravessados por diferentes tipos de linha, diferentes conjuntos de linhas que nos compõe – "algumas nos são impostas de fora, pelo menos em parte. Outras nascem um pouco por acaso, de um nada, nunca se saberá o porquê. Outras devem ser inventadas, traçadas".¹² Assim, tanto no trabalho da clínica quanto da pesquisa, o que está em jogo é acompanhar essas linhas. Em todo caso, "é uma questão de cartografia".¹³

Dessa forma, o princípio da cartografia e o rizoma inspiram uma direção metodológica que busca acompanhar as linhas que produzem e são produzidas pelas diferentes relações, corpóreas ou não, atuais ou virtuais, que constituem as coisas, os acontecimentos, e também as subjetividades. Diante disso, nas palavras de Suely Rolnik:

Para os geógrafos, a cartografia – diferente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos da transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.¹⁴

Nesse sentido, nas práticas da pesquisa científica, o método da cartografia nos possibilita outras formas de se aproximar, de produzir conhecimento, encarando este processo de forma rizomática.

Todavia, contemporaneamente, o pensamento arborescente é o mais evocado ao se falar de um conhecimento científico, de método científico, partindo de alguns pressupostos principais, dentre eles, a concepção de que o livro representa ou significa o mundo; a separação objetivo-subjetivo, que pretende "livrar" o conhecimento científico da dimensão subjetiva, e uma metodologia rigidamente definida, hierárquica e prescritiva, ao qual se acompanha uma maneira determinada de registro, uma produção textual "sóbria",

¹¹ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs vol. 1*, pp. 29-30.

¹² Deleuze; Guattari, *Mil Platôs vol. 3*, pp. 83-84.

¹³ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs vol. 3*, p. 84.

¹⁴ Rolnik, *Cartografia Sentimental*, p. 23.

em terceira pessoa, no qual não se encontra o pesquisador. Tais concepções orbitam em uma tradição moderna de pesquisa. Nesses moldes o que se buscaria é um “sujeito cognoscente” que poderia, através da observação, representar o objeto através de um “conhecimento verdadeiro”.

Nesse sentido, Barros e Kastrup¹⁵ argumentam que esse modelo de cientificidade é, por assim dizer, a invenção de um dispositivo experimental, resultante de práticas concretas. Destacam-se dois pontos acerca disso. Em primeiro lugar: “o trabalho com objetos purificados através de práticas controladas, a investigação de um objeto independente de sua história e das inúmeras conexões que o ligam ao mundo, depende de práticas concretas de isolamento de variáveis, essenciais para a reprodução do fenômeno em laboratório”. Em segundo lugar: “a ciência inventa um dispositivo capaz de, segundo seu ponto de vista, operar a triagem entre a invenção e o que ‘não passa de invenção’.”.¹⁶

Dentre outros fatores, o dispositivo experimental produz uma concepção de que o conhecimento científico está a favor de “desvelar” algo já posto. Nessa perspectiva, o que se opera é uma distinção e uma total separação entre sujeito e objeto, “constituindo-se uma política cognitiva assentada na perspectiva de terceira pessoa do conhecimento [...]. Tal política cognitiva pressupõe tanto certa prática comunicacional quanto uma prática de pesquisa que se hegemonomizam, ganhando máxima expressão no ideal de inteligibilidade positivista”.¹⁷

A cartografia, ao propor se afastar de tal binarismo, caminha na direção de uma dissolução do ponto de vista do observador, isto é, “o observador está sempre implicado no campo de observação” e a “intervenção modifica o objeto”.¹⁸ Nesse sentido, mais do que observar ou representar, a pesquisa intervém, ela produz: é um processo de produção. A cartografia, desse modo, é um método de pesquisa-intervenção, no qual existe uma inseparabilidade entre fazer e conhecer.

Conhecer é, portanto, fazer criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas. Quando já não nos contentamos com a mera representação dos objetos, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade, o processo do pesquisar ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites de nossos procedimentos metodológicos. O método, assim, reverte seu sentido, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas. Restam sempre pistas metodológicas e a direção ético-política que avalia os efeitos da experiência para daí extrair os desvios necessários.¹⁹

Assim, se em um primeiro momento Eduardo Galeano foi nosso intercessor, nos trazendo a sabedoria do velho poeta, que às margens do rio San Juan nos disse que não devemos dar a menor importância aos fanáticos da objetividade, o fazer cartográfico, ao subverter a noção de metodologia, conferindo primado ao caminhar que segue uma direção ético-política e não uma forma soberana ou despótica, nos suscita o poeta espanhol Antônio Machado, quando este no diz que nossos passos são a estrada e nada mais, não existe caminho, este se faz ao caminhar: “Nunca perseguí la gloria/ Caminante

¹⁵ Barros; Kastrup, *Cartografar é acompanhar processos*, pp. 54-55.

¹⁶ Barros; Kastrup, *Cartografar é acompanhar processos*, pp. 54-55.

¹⁷ Passos; Eirado, *Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador*, p. 115.

¹⁸ Passos; Barros, *A cartografia como método de pesquisa-intervenção*, p. 21.

¹⁹ Passos; Barros, *A cartografia como método de pesquisa-intervenção*, p. 30.

son tus huellas el camino y nada más/ Caminante, no hay camino se hace camino al andar / Al andar se hace camino”.

Podemos lhes dizer: cartógrafo, não existe caminho, o caminho se faz ao caminhar, ao se aventurar em um território desconhecido. A cartografia é o desenhar de um mapa, não de um decalque, isto é, não é o desenho de um modelo que poderá ser aplicado e repetido invariavelmente. E por isso é uma metodologia que não pode ser prescritiva, seguir caminhos já pavimentados, muito menos se ater a algum conjunto fixo de regras metodológicas. Uma cartografia é feita à medida que se caminha.

Não é também um caminhar sem direção, como um “deixar rolar”. De acordo com Passos e Barros “a diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados”,²⁰ afirmando a inseparabilidade entre conhecer e fazer, sujeito e objeto e entre pesquisa e intervenção. A partir disso, os autores afirmam que toda pesquisa é intervenção, pois “a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência”.²¹

Por não ser um método prescritivo, quando chegamos não sabemos de antemão nossos objetivos e metas, mas nos inserimos ativamente nesse território, com uma abertura sensível aos encontros, disponível às experiências e experimentações. E, tampouco, conhecemos de antemão aquele território no qual nos inserimos; é sempre um lançar-se ao desconhecido, assumir uma condição de aprendiz. Conforme Alvarez e Passos “a instalação de uma cartografia sempre pressupõe a habitação de um território”,²² e essa instalação exige um aprendizado que se inicia quando nos inserimos em determinado território com uma receptividade afetiva. Sendo assim, a pesquisa-intervenção se realiza em um território existencial, em um plano de coemergência da experiência, o qual não conhecemos de antemão e que para a exploração não temos uma metodologia prescritiva.

Quando falamos em território, é bom lembrar, não nos referimos apenas ao espaço geográfico e físico, mas sim tratamos da relação a um espaço vivido, assim, o território “é o conjunto dos projetos, das representações no qual vai desembocar pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos”.²³

Essa concepção, por sua vez, nos coloca em uma condição quase paradoxal, visto que desde a nossa primeira inserção nas instituições de ensino, o mundo nos é apresentado e representado de maneira arborescente, e, no âmbito acadêmico, não é diferente. Então, quando orientando e orientadora resolvem embarcar em uma viagem cartográfica, além de estarmos nos lançando neste território desconhecido com apenas uma bússola e um sonho à mão, também estamos colocando em curso um processo ativo de romper com os modelos arborescentes, no qual fomos subjetivados.

Assim, passamos ao segundo momento, correlato do movimento de pesquisar e as diferentes intercorrências e ressonâncias entre um modelo arborescente e hegemônico, no qual “fomos produzidos”, e uma forma rizomática que buscamos produzir.

²⁰ Passos; Barros, *A cartografia como método de pesquisa-intervenção*, p. 17.

²¹ Passos; Barros, *A cartografia como método de pesquisa-intervenção*, p. 17.

²² Alvarez; Passos, *Cartografar é habitar um território existencial*, p. 137.

²³ Guattari; Rolnik, *Micropolítica*, p. 323.

2. O pesquisar: o acalanto em um Timoneiro

Por um lado, chegava ao Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD) como que num mar sem timoneiro, sem saber qual direção seguir, e um questionamento intermitente: “o que estou fazendo aqui?”. Por outro lado, me sentia compartilhando um território e aberto às possibilidades dos encontros. E quanto mais se intensificavam os questionamentos do cognitivista que habita em nós, mais ouvia Paulinho da Viola: “Quem me navega é o mar”.

Ainda no início dos estudos, nos esbarramos com aquela concepção de pesquisa mais tradicional. Era esperado que, ao “entrar em campo”, o pesquisador já tivesse um objetivo geral, objetivos específicos, uma metodologia planejada, cronogramas de execução e hipóteses e que passaria ao campo para confirmar ou não tal hipótese, ou mesmo para delinear a representação de um objeto. Diante das dificuldades, já no primeiro encontro com o profissional gestor do CAPS AD, nos deparamos com a questão do sentido com o qual aquela pesquisa iria ser desenvolvida e quais seriam os seus objetivos. Ou, antes mesmo disso, no aparato burocrático de avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, questões que já nos pressionavam, com o poder de permitir ou não a inserção do pesquisador-cartógrafo no CAPS AD.

Nesse contexto, destacamos a importância da sistematização de pistas e de diretrizes para a pesquisa cartográfica e, por isso mesmo, esse texto pode ser lido como uma defesa do método cartográfico.

Não foram raras as ocasiões em que, durante o trajeto para chegar até o CAPS AD, os questionamentos que mais reverberam em nosso corpo poderiam ser ilustrados como: “O que vou fazer aqui hoje?” e “O que estou procurando?” “O que tenho encontrado?”. Essa experiência mostrou, dentre outras coisas, as diversas dificuldades que se impõem ao traçar uma cartografia, a ousar romper com um paradigma muito enraizado de produção de conhecimento científico.

Diante disso, uma questão recorrente se trata da atenção: onde pousar a atenção no processo de cartografar. Uma das dimensões trabalhadas no livro *“Pistas do método da cartografia”*, organizado por Kastrup, Passos e Escóssia,²⁴ dirige-se ao funcionamento da atenção do cartógrafo. Quando circulamos e participamos em um território, ou melhor, quando habitamos um território, afetamos e somos afetados. Mas de que maneira, a partir dos encontros, escolhemos um ou outro caminho a ser seguido? Damos foco a essa ou àquela questão? Nesse processo foi recorrente o sentimento de estar à deriva – “a entrada do aprendiz cartógrafo no campo da pesquisa coloca imediatamente a questão de onde pousar sua atenção”.²⁵ Por não ter objetivos pré-determinados, é necessário que a entrada no campo de pesquisa evoque uma atenção aberta, como uma antena parabólica. Trata-se de um funcionamento da atenção descrito em partes por Sigmund Freud (1856 – 1939), com a noção de “atenção flutuante”. Muitas vezes, o pesquisador cartógrafo pode focalizar alguma questão enquanto negligencia outras, ao passo que a atenção flutuante é uma atitude de prestar atenção em tudo. Porém, faz-se necessário ressaltar que, ainda que Sigmund Freud pense essa atenção a partir da audição, é importante dar espaço para

²⁴ Passos; Kastrup; Escóssia, *Pistas do método da cartografia*.

²⁵ Kastrup, *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*, p. 35.

outras percepções sensoriais, a exemplo da visão, do olfato ou do tato.²⁶ Nesse sentido, procuramos nos inserir e passear por todos os espaços do equipamento, ao menos aqueles que nos eram permitidos, ouvindo as histórias, passando por corredores, ou mesmo sentindo o cheiro de café que vinha da cozinha.

Partindo da ideia supracitada, por meio de seus trabalhos sobre a atenção, Virgínia Kastrup nos deixa uma pista valiosa com relação ao funcionamento da atenção do cartógrafo, distinguindo quatro variedades atencionais: rastreio, toque, pouso e o reconhecimento atento.²⁷ No rastreio, evocando uma atenção aberta, ao entrar em campo, não realizamos uma coleta de informações; nossa atenção funciona como uma varredura que não se atém aos contornos já desenhados, mas se preocupa com o acompanhamento de processos. Já o toque tem a ver com as sensações, nesse ponto é que a subjetividade do pesquisador-cartógrafo é afetada. O pouso, por sua vez, não se refere a uma parada do movimento, mas uma parada no movimento, pressupõe uma ideia de fluxo, na qual o movimento e o pouso se diferem pela velocidade. "O gesto do pouso indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha numa espécie de *zoom*".²⁸ Por fim, a quarta variedade atencional diz respeito ao reconhecimento atento. Essa noção remonta ao conceito de Henri Bergson (1858-1941), no qual o autor diferencia o reconhecimento automático do atento: "enquanto no reconhecimento automático nossos movimentos prolongam nossa percepção para obter efeitos úteis e nos afastam do objeto percebido, aqui, ao contrário, eles nos reconduzem ao objeto para sublinhar seus contornos".²⁹

A partir dessas quatro modalidades atencionais, não necessariamente seguindo uma ordem, o aprendiz-cartógrafo passa a percorrer caminhos, destacar linhas, que irão compor com a cartografia. O caminho que se percorre, todavia, não preexiste ao caminhar. Quando nos inserimos nas redes de relações que compõem um território, instalamo-nos em processos já em movimento, no *intermezzo*, mas isso não significa que estes já estão dados.

A perspectiva arborescente da ciência moderna tem como uma das primeiras etapas de seu método a "coleta de dados": pressupondo que os processos que buscamos acompanhar já estão dados, caberia ao pesquisador encontrá-los, desvelá-los, significá-los ou até mesmo diagnosticá-los. Diferentemente, quando falamos em pesquisa cartográfica, a "coleta de dados", que era amplamente vista como uma das etapas iniciais da pesquisa, toma outra direção: não mais buscar informações ou dados que estariam ali, à espera de serem desvelados ou significados, mas habitar um território existencial, acompanhar os processos. Assim, poderíamos falar em "produção de dados" por meio de intervenções, produzir os encontros que traçaram os caminhos da pesquisa.

É importante destacar que, ainda que diversos encontros se deem quase que ao acaso, não planejados e inusitados, não ficamos à espera de que eles aconteçam. Por meio de diferentes instrumentos ou ferramentas da pesquisa cartográfica, propõe-se intervir no campo relacional ou no plano da experiência.

Assim, a inserção do pesquisador cartógrafo no equipamento de saúde CAPS AD se realizou por meio da participação nas reuniões da equipe de saúde, no acolhimento de usuários, no acompanhamento de oficinas terapêuticas. Além disso, também foram

²⁶ Kastrup, *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*.

²⁷ Kastrup, *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*.

²⁸ Kastrup, *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*, p. 43.

²⁹ Bergson, *Matéria e memória*, p. 78.

realizadas entrevistas cartográficas com trabalhadores do serviço, que compõem com as narrativas proporcionadas pelos encontros com servidores nos corredores e na cozinha durante um café, além de relatos de momentos com usuários em diferentes espaços dessas instalações, e até mesmo no trajeto, na espera em ponto ônibus, no percurso até o terminal rodoviário de transporte etc.

Diante do exposto, a pesquisa-intervenção se realiza em um território existencial, em um plano de coemergência da experiência, o qual não conhecemos de antemão; estamos sempre em uma posição de aprendiz-cartógrafo, não podemos garantir previamente todos os procedimentos adotados na pesquisa, tampouco todos os instrumentos acionados. Pelo fato de a cartografia ser um método não prescritivo, a escolha dos instrumentos e dos procedimentos se dá no processo de habitar aquele território existencial, como de forma sensível nos ensina o poeta – “Caminante no hay camino”.

Nesse sentido, conforme caminhamos, elencamos dois instrumentos que foram utilizados nesta pesquisa cartográfica: o diário de bordo do pesquisador-cartógrafo e a entrevista. Destaca-se que todos os encontros foram registrados no diário do pesquisador e as entrevistas foram realizadas com quatro profissionais da equipe de saúde disponíveis para participarem e com dois usuários do CAPS AD. A princípio, como pontuam Tedesco, Sade e Caliman, não existe um método de entrevista cartográfica propriamente dito, o que se busca é um manejo cartográfico da entrevista, que se realiza não por seguir uma forma soberana, mas sim seguindo um determinado “*ethos* que seria praticado não apenas na entrevista, mas em toda pesquisa, desde a construção inicial do campo problemático à narrativa usada no relatório final”.³⁰ Para tanto, nos guiamos por três diretrizes apontadas por Tedesco, Sade e Caliman: “1) a entrevista visa não à fala sobre a experiência em si, mas à experiência na fala; 2) a entrevista intervém na abertura à experiência do processo do dizer; 3) a entrevista busca a pluralidade de vozes”.³¹

Ao considerar a inseparabilidade entre dois planos da experiência, o manejo cartográfico da entrevista não terá como direção única a informação, o conteúdo dito, mas poderá acessar as diferentes dimensões da experiência, além do conteúdo, as forças, “de modo que a fala seja acompanhada como emergência da/na experiência, e não como representação”.³²

As irregularidades do dizer, a entoação, as variações de altura, a velocidade, os silêncios, as repetições, a mímica e os gestos corporais, assim como, o uso de composições transgressoras da gramática como neologismos, polissemias, compõem os signos-enigmas, que nada mais são do que efeitos diretos do plano dos conteúdos, ou seja, indicadores da variação, da presença da experiência na fala [...]. As variações do dizer presentes nos ritmos, na entoação, nos tropeços, nas palavras, ou seja, nos signos-enigmas, carregam as intensidades da experiência.³³

Dessa maneira, considera-se, além do conteúdo dito, outros aspectos trazidos na experiência do dizer, da performance do falar e narrar a experiência vivida. Nessa perspectiva, a entrevista cartográfica se mostra como um instrumento interventivo, já que a “entrevista na cartografia considera a inseparabilidade de dois planos da experiência: a

³⁰ Tedesco; Sade; Caliman, *A entrevista cartográfica*, p. 93.

³¹ Tedesco; Sade; Caliman, *A entrevista cartográfica*, p. 99.

³² Tedesco; Sade; Caliman, *A entrevista cartográfica*, p. 97.

³³ Tedesco; Sade; Caliman, *A entrevista cartográfica*, p. 98.

experiência de vida ou o vivido da experiência e a experiência pré-refletida ou ontológica".³⁴ Conforme as autoras, há o plano da "experiência de vida" que diz respeito ao "narrado de suas emoções, motivações e tudo aquilo que o sujeito pode representar como conteúdo vivido". Por sua vez, o plano ontológico se refere à "processualidade, ao plano da coemergência, plano comum, coletivo de forças do qual advém todos conteúdos representacionais".³⁵

O manejo da entrevista intervirá em uma abertura do campo relacional, possibilitando a experiência do dizer. Tendo em vista a perspectiva adotada neste trabalho, optamos pela forma roteirista de entrevista, na medida em que nos guiamos por eixos temáticos sem perguntas diretivas, o que possibilitou uma maior amplitude dos conteúdos da fala e da experiência na fala.

Como terceira diretriz, Tedesco, Sade e Caliman recorreram aos conceitos de *agenciamento coletivo de enunciação*, de Deleuze e Guattari e de *discurso indireto livre*, proposto por Mikhail Bakhtin (1895–1974). Nessa perspectiva, de acordo com as autoras: "os discursos são compostos a partir dos discursos de outrem, são oportunidade para que as vozes se misturem umas às outras. Nenhuma subjetividade, isoladamente, funciona como origem das falas ou centro gerador da ideia".³⁶

Em "Kafka: por uma literatura menor", Deleuze e Guattari³⁷ apresentam o conceito de agenciamento tendo dois lados, os agenciamentos coletivos de enunciação e o agenciamento maquínico dos corpos. O conceito de agenciamento, portanto, diz respeito à composição de um conjunto de relações materiais a um regime de signos: por um lado se tem a dimensão da expressão – os agenciamentos coletivos de enunciação – e, por outro lado, o conteúdo – agenciamento maquínico.³⁸ O conceito de agenciamento coletivo de enunciação se compõe com a pragmática bakhtiniana, em suas análises do discurso indireto livre, no qual o discurso transmitido e o agente de enunciação são ao mesmo tempo conjuntos e distintos. Segundo Sauvagnargues: "O discurso indireto livre, que exhibe a espessura sociológica real do discurso em sua politonalidade, prepara assim o conceito de agenciamento coletivo de enunciação em Guattari".³⁹ Se trata dos discursos nos discursos, cuja pluralidade de vozes compõem um enunciado em uma perspectiva de produção coletiva.

O segundo instrumento operado para a presente pesquisa cartográfica, como forma de registro das experiências em campo, foi o "diário de pesquisador", no qual nos implicamos para a produção de textos diarísticos. Conforme Barros e Passos: "entender que toda pesquisa é intervenção compromete aquele que conhece e quem (ou o que) é conhecido em um mesmo plano implicacional".⁴⁰ No sentido que caminha Lourau,⁴¹ ao propor o conceito de implicação, nos distanciamos de um pensamento arborescente e da "neutralidade científica", de forma que se propõe o diário como um instrumento potente de intervenção. Nesse tocante, Passos e Barros consideram que a implicação não se refere a uma vontade individual, "ela inclui uma análise dos sistemas de lugares, o

³⁴ Tedesco; Sade; Caliman, *A entrevista cartográfica*, p. 95.

³⁵ Tedesco; Sade; Caliman, *A entrevista cartográfica*, p. 95.

³⁶ Tedesco; Sade; Caliman, *A entrevista cartográfica*, p. 114.

³⁷ Deleuze; Guattari, *Kafka*, p. 137.

³⁸ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs vol. 2*, pp. 110–111.

³⁹ Sauvagnargues, *Deleuze, cartografias do estilo*, p. 27.

⁴⁰ Barros; Passos, *Diário de bordo de uma viagem-intervenção*, p. 172.

⁴¹ Lourau, *Análise institucional em tempo integral*, pp. 66–86.

assinalamento do lugar que ocupa o pesquisador, daquele que ele busca ocupar e do que lhe é designado a ocupar".⁴² Esse conceito marca um importante deslocamento com relação ao modo arborescente de se pesquisar, na medida em que se afasta de um ideal de suposta neutralidade científica, "a recusa da neutralidade do analista/pesquisador procura romper, dessa forma, as barreiras entre sujeito que conhece e objeto a ser conhecido".⁴³

A escrita do diário de campo e as narrativas históricas trazem um escopo importante e rico de empiria e criação na pesquisa, possibilitando o trabalho vivo da memória e o registro acontecimental das práticas sociais. Os fazeres do cotidiano e a multiplicidade dos acontecimentos ganham um lugar relevante na produção de estudos e análises das experiências enquanto modos de ser, de sentir, de pensar e de agir na história do presente.⁴⁴

O uso dos diários de campo nas pesquisas científicas passou a ser cada vez mais frequente após o trabalho de Bronislaw Malinowski (1884 – 1942). Esta forma de inspiração etnográfica passou a percorrer a produção de conhecimento, possibilitando um caminho de práticas de pesquisa que se distanciava do grande "edifício positivista" da ciência moderna.

O movimento institucionalista, na década de 1960, se constitui enquanto outra importante influência teórico-metodológica, lançando destaque à potência dos textos diarísticos. Assim, na obra de René Lourau, denominada de "Uma técnica de análise de implicações: B. Malinowski, diário de etnógrafo", o autor francês irá apresentar os diários enquanto "parte original da produção acadêmica", um "texto institucional".⁴⁵ Dessa forma, o dispositivo-diário que muitas vezes não era considerado enquanto parte de uma produção de conhecimento científico adquire um caráter interventivo. Assim, o processo de escrita dos diários não atua somente como um registro mnemônico, é um processo de subjetivação. Nesse sentido, seguindo as pistas deixadas por Michel Foucault, em "Ditos e Escritos", entendemos a prática da escrita em diário também a partir de sua potência de transformação daquele que escreve. Na obra supracitada, o autor apresenta partes de seus estudos sobre "a estética da existência e o domínio de si e dos outros na cultura greco-romana, nos dois primeiros séculos do Império", tendo como tema a "Escrita de si". Esse texto contorna o uso do texto diarístico como um importante instrumento de transformação de si mesmo, na direção da produção de uma estética da existência.⁴⁶

Kroef, Gavillon e Ramm⁴⁷ irão destacar que a escrita da experiência, das cenas e falas vividas, dos encontros produzidos no caminhar da pesquisa pode "produzir reflexões que levam ao surgimento de outros afetos, os quais disparam novas análises" e, também:

Auxilia a produzir e acompanhar essa atitude atencional aberta, ao mesmo tempo que amplia a presença da pesquisa no cotidiano do(a) pesquisador(a). A escrita e leitura

⁴² Passos; Barros, *A Construção do Plano da Clínica e o Conceito de Transdisciplinaridade*, p. 73.

⁴³ Passos; Barros, *A Construção do Plano da Clínica e o Conceito de Transdisciplinaridade*, p. 73

⁴⁴ Nascimento; Lemos, *A pesquisa-intervenção em Psicologia*, p. 250.

⁴⁵ Slomp Jr, *Contribuições para uma política de escritura em saúde*, p. 3.

⁴⁶ Foucault, *Ética, Sexualidade e Política*, p. 145.

⁴⁷ Kroef, Gavillon; Ramm, *Diário de campo e a relação do(a) pesquisador(a) com o campo-tema na pesquisa-intervenção*, p. 470.

do diário, ao atuar na produção da atenção, reconfigura a relação com o tema de pesquisa e mobiliza memórias relacionadas.⁴⁸

Diante disso, os diários se constituem enquanto uma importante ferramenta de pesquisa na medida em que procuramos provocar deslocamentos com relação aos dualismos historicamente instituídos pela tradição “positivista” de ciência, já que estes incluem no processo de registro da pesquisa pesquisadores e pesquisados, perceptos e afetos.

Nesse percurso, o diário de pesquisador foi povoado por diferentes momentos, desde as anotações tomadas em uma caderneta durante as reuniões de equipe, a transcrição de entrevistas em conjunto com as afetações proporcionadas, a narrativa de cenas cotidianas e de encontros inusitados em pontos de ônibus, no balcão da cozinha, no jardim e corredores, as muitas idas e vindas, por entre as diferentes linhas de ônibus, captando para além do que se via e ouvia, tudo que afetava o corpo, seja o cheiro forte do córrego, o aroma envolvente de um café recém- passado, ou uma música do “Febem” em um fone de ouvido enquanto fazíamos o deslocamento pelas ruas periféricas no transporte coletivo.

Após essas breves considerações sobre o pesquisar, o terceiro momento da pesquisa cartográfica se trata da produção textual. Assim, buscaremos destacar algumas linhas que envolvem as tomadas de posições narrativas, ao passo que existe toda uma tradição arborescente de escrita e de pesquisa que ainda se faz hegemônica. A proposta é produzir deslocamentos, traçar linhas de fuga que possibilite a produção de um texto próximo ao *ethos* cartográfico, na tentativa de construir uma literatura menor.

3. O narrar: “Nem todo livro, irmão, foi feito pra livrar. Depende da história contada e também de quem vai contar”⁴⁹

Os escritos que compõem a pesquisa, desde os registros em diário de campo, transcrições de entrevistas e o texto do relatório final do estudo, de certa maneira, tratam-se de um trabalho com narrativas. Conforme Passos e Barros, “no trabalho da pesquisa e da clínica, de alguma forma é sempre de narrativas que tratamos”.⁵⁰

Com relação ao registro, tanto do diário quanto no texto final deste trabalho, tem-se uma certa maneira de narrar. Em um certo dia, estávamos escrevendo registros no diário, percebemos um texto puramente descritivo e sentimos uma necessidade de romper com essa velha forma de anotações. Talvez aquele movimento possa indicar que, se tratando de pesquisa, estamos, em certa medida, tratando de narrativas – “os dados coletados a partir de diferentes técnicas indicam maneiras de narrar”.⁵¹ Dessa forma, ao realizarmos uma pesquisa cartográfica, buscamos uma direção ético-política, e a escolha da maneira de registro também é uma escolha politicamente implicada. Por isso, entendemos a importância de pensar que existem políticas de narratividade, entendidas

⁴⁸ Kroef, Gavillon; Ramm, *Diário de campo e a relação do(a) pesquisador(a) com o campo-tema na pesquisa-intervenção*, p. 467.

⁴⁹ Elninõ, *Pedagoginga*.

⁵⁰ Passos; Barros, *Por uma política da narratividade*, p. 150.

⁵¹ Passos; Barros, *Por uma política da narratividade*, p. 150.

como uma “posição que tomamos quando, em relação ao mundo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece”.⁵²

De acordo com a pista “Por uma política da narratividade”, proposta por Regina Benevides e Eduardo Passos, a escolha desta posição narrativa (*ethos* da pesquisa/*ethos* da clínica) não pode ser encarada como desarticulada das políticas que estão em jogo: “políticas de saúde, políticas de pesquisa, políticas da subjetividade, políticas cognitivistas. Toda produção de conhecimento, precisamos dizer de saída, se dá a partir de uma tomada de posição que nos implica politicamente”.⁵³

Essa tomada de posição narrativa vai na direção de um conceito estético deleuze-guattariano, denominado literatura menor. Em “Kafka: Por uma literatura menor”, os autores partem de como, mesmo sendo uma pessoa de origem tcheca e judia, Kafka não escrevia nem em tcheco, nem em iídiche (idioma relacionado a tradição judaica), mas em alemão, o idioma oficialmente ensinado nas escolas, que por sua vez engendra as formas e as expressões hegemônicas.⁵⁴ A partir disso, Deleuze e Guattari vão argumentar que “uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas antes, à língua que uma minoria constrói numa língua maior”,⁵⁵ tal como Kafka, ou até mesmo Lima Barreto ou Franz Fanon. A respeito desse movimento operado por tais autores, diz-se que numa literatura menor há um forte coeficiente de desterritorialização. Diante disso, diferentemente de uma tradição de literatura que ligava questões individuais a outras questões do sujeito, colocando o *socius* como ambiente de fundo, na literatura menor as questões individuais estão “imediatamente ligadas à política [...]”. A questão individual, ampliada ao microscópio, torna-se muito mais indispensável, porque uma outra história se agita no seu interior”.⁵⁶

Portanto, os discursos e enunciados que antes remetiam sua origem a um sujeito individuado, ou a uma “interioridade”, destacam seu caráter político e seus contornos que não são individuais, mas coletivos. Assim, “o enunciado não aponta para um sujeito de enunciação que constitui a causa, nem para um sujeito do enunciado que seja o efeito [...]”. Não há sujeitos, só há agenciamentos coletivos de enunciação”.⁵⁷

De acordo com o que tem sido pontuado nessas considerações metodológicas, a produção de um texto científico não tem o intuito de ser a representação linguística de um processo de pesquisa, mas faz parte da pesquisa-intervenção. Portanto, temos um cuidado para que esse texto não seja fechado em si, que delimite um campo, pelo contrário, parece interessante que tenha a possibilidade de servir enquanto uma ferramenta que favoreça a multiplicidade. Os textos da pesquisa não irão buscar uma neutralidade, como de maneira sensível nos disse Eduardo Galeano:⁵⁸ “nas margens do rio San Juan, o velho poeta me disse que não se deve dar a menor importância aos fanáticos da objetividade”.

Compusemos com nossa narrativa contos, músicas, diferentes referências, e não eliminaremos aquilo que nos afeta, não procuramos endossar a dicotomia objetividade-

⁵² Passos; Barros, *Por uma política da narratividade*, p. 151.

⁵³ Passos; Barros, *Por uma política da narratividade*, p. 151.

⁵⁴ Deleuze; Guattari, *Kafka*, p. 45.

⁵⁵ Deleuze; Guattari, *Kafka*, p. 38.

⁵⁶ Deleuze; Guattari, *Kafka*, p. 39.

⁵⁷ Deleuze; Guattari, *Kafka*, p. 41.

⁵⁸ Galeano, *O livro dos abraços*, p. 118.

subjetividade. Antes de significar ou representar, é preciso que esse texto afete, que possa fazer rizoma com o mundo, que possa se conectar na produção de novos arranjos.

4. O soltar: “reticências ao invés de ponto final...”⁵⁹

A partir desse breve fragmento buscamos situar alguns dos principais pontos que tomamos como referência para nortear a produção de nossa pesquisa cartográfica. Ainda que já se encontre uma grande variedade de trabalhos embasados por esse saber-fazer cartográfico, ainda parece um tanto quanto um método dissidente, subversivo e que pretende transgredir modos de produzir conhecimento de forma hegemônica nos espaços acadêmico-universitários.

A distinção em quatro movimentos de pesquisa, no entanto, tem uma função didática, sendo que são movimentos que acontecem em momentos que não necessariamente irão progredir sucessivamente. O “aproximar-se” engendra em sua dimensão conexões entre linhas, vivências, perceptos e afetos que extrapolam em muito o cronograma de um curso de Pós-Graduação; é um movimento que se conflui com toda nossa trajetória de formação profissional e que trará elementos das análises de implicações em jogo. “O pesquisar”, por sua vez, marca nossa itinerância, é um movimento de se colocar mais próximo aos processos psicossociais os quais pretendemos cartografar. Nesse sentido, os caminhos institucionais do pesquisar no contemporâneo, ainda que se mostrem mais permeáveis a outras perspectivas, estão atravessados pelo pensamento arborescente que ainda se faz hegemônico em âmbito acadêmico e nas exigências das instâncias universitárias. O movimento do “Narrar” também se realizou em uma tensão constante com a arborescência e exigiu um esforço e cuidado que implicou na construção e na destruição de muitas versões de textos até que se chegasse à forma que foi apresentado. O “soltar-se”, por sua vez, pode ser compreendido como um movimento muito interessante, que, por mais que seja correlato a uma certa função conclusiva, também é um esforço permanente durante todo o processo. Logo de início, a cartografia nos convida a soltar a certeza que uma metodologia arborescente garante: “faça isso, segundo tal e qual procedimento, você chegará a isso, está pronto, desvelou a verdade, significou o objeto, diagnosticou o sujeito”.

Assim, precisamos soltar diversos escritos que nesse jogo de forças acabam por se afastar da produção de uma literatura menor. É necessário soltar os conceitos, não encerrar discussões e definições e, conseqüentemente, soltar a noção de um trabalho finalizado, encerrado, fechado em suas próprias linhas: soltar as linhas, deixar as pontas soltas para serem superfície ou disparadoras de novos encontros.

Realizar uma pesquisa cartográfica é, então, o desafio de se afastar da captura de um pensamento arborescente, traçar uma linha de fuga em um paradigma de ciência tradicional, dando ênfase ao caráter processual da produção do conhecimento, realizando uma recusa ao Universal e ampliando as conexões entre os mais distintos saberes e as mais diversas vozes. Diante disso, experimentamos um aumento no grau de potência dos corpos. Para tanto, pudemos produzir composições singulares, que dobravam diferentes linhas, advindas de fotografias, dos contos e poesias, utilizados como nossos intercessores, mas também com as músicas, com os rappers Febem e Don L, que

⁵⁹ Nascimento; Pinafi; Peres, *Sobre acasos e acontecimentos*, p. 104.

povoaram meus trajetos-circuitos nos transportes coletivos, e possibilitaram tantos outros encontros que puderam se atualizar em diferentes singularidades. William Blake, certa vez, nos disse: "se as portas da percepção fossem abertas, tudo apareceria ao homem tal qual é, infinito".⁶⁰ A cartografia, enquanto princípio do rizoma e recurso metodológico, nos convida a enxergar as tramas que tecem a realidade como elas realmente são: múltiplas, heterogêneas, um "Caosmos".

⁶⁰ Blake, *O casamento do céu e do inferno & outros escritos*, p. 24.

Referências

- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020, pp. 131-149.
- BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020, pp. 52-75.
- BARROS, Regina. Benevides de; PASSOS, Eduardo. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020, pp. 17-31.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BLAKE, William. *O casamento do céu e do inferno & outros escritos*. Seleção, tradução e apresentação de Alberto Marsicano. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- CINTRA, Amanda Mendes Silva. et al. Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 29, n. 1, pp. 45-53, jan. 2017.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2, vol. 3. 2. ed. São Paulo: 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2, vol. 2. São Paulo: 34, 2011b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2, vol. 1. São Paulo: 34, 2011a.
- ELNIÑO, Thiago. *Pedagoginga*. São Paulo: Correnteza, 2017. (4'56"). Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/7zi1ks67s9YosUZ5DKztrB?si=a99946200d7b433c>
- FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. 2. ed. (Coleção Ditos e Escritos V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: LP&M, 2018.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, [1986] 2011.
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020, pp. 32-51.
- KROEFF, Renata Fischer da Silveira; GAVILLON, Póti Quartieiro; RAMM, Laís Vargas. Diário de campo e a relação do(a) pesquisador(a) com o

campo-tema na pesquisa-intervenção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, pp. 464-480, 2020.

LOURAU, Rene. O objeto e o método da análise institucional. In: ALTOÉ, S. *René Lourau: análise institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 2004. pp. 66-86.

MACHADO, Antonio. *Campos de Castilla*. Madri: Cátedra, 1997.

NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do; PINAFI, Tânia; PERES, William Siqueira. Sobre acasos e acontecimentos: a proposta do método cartográfico. In: VASCONCELOS, Mário Sérgio; CARNEIRO, Marcelo Carbone; CONSTANTINO, Elizabeth Piemonte (Org.). *Psicologia: reflexões sobre as relações sujeito/objeto*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, pp. 87-108

NASCIMENTO, Maria Lívia.; LEMOS, Flávia Cristina Silveira. A pesquisa-intervenção em Psicologia: os usos do diário de campo. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 57, pp. 239-253, jul. 2020.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 16, n. 1, pp. 71-79, jan./abr. 2000.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020, pp. 150-171.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020, pp. 109-130.

REZENDE, Mateus Alexandre Pratas. *Uma experiência cartográfica em um equipamento CAPS AD: a atenção à saúde da pessoa usuária de substâncias psicoativas*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2023.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2011.

SAUVAGNARGUES, Anne. *Deleuze, cartografias do estilo: assignificante, intensivo, impessoal*. Tradução Roberto D. S. Nascimento. *Artefilosofia*, Ouro Preto, v. 5, n. 9, pp. 20-34, out. 2010.

SLOMP JR, Helvo. et al. Contribuições para uma política de escritura em saúde: o diário cartográfico como ferramenta de pesquisa. *Athenea Digital*, Barcelona, v. 20, n. 3, pp. 1-13, 2020.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: Uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & Sociedade*, v. 15, n. 2, pp. 18-42, 2003.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Viera. A entrevista cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Org.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. (v. 2), 1. Ed, Porto Alegre: Sulina, 2016, pp. 92-128.

SOBRE AS AUTORAS

Daniele de Andrade Ferrazza

Doutora e mestre pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp/Campus de Assis-SP. Professora adjunta do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: daFerrazza@uem.br.

Mateus Alexandre Pratas Rezende

Graduado e mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil. E-mail: mateusapratas@gmail.com.